

Jaqueline está cansada

Denny Yang

Eu estava cansada, desse jeito mesmo, cansada: desse trabalho ingrato que é ser jornalista, desse stress todo, da pressão, da rotina esquizofrênica que me era imposta, na verdade ninguém me impunha, eu me impunha – eu realmente achava. De modo que fui dar uma volta na praça, deixei todo meu trabalho da redação, desliguei o monitor do computador, e desci o elevador, sem falar com ninguém. As gêmeas, quando eu saí do meu gabinete, me olharam de relance, mas eu não estava nem aí para elas, eu só precisava espairecer, ou senão eu enlouquecia de vez: pirava que nem uma doida varrida.

No andar térreo, saí e andei uns cem metros, fumando um cigarro, e finalmente cheguei na pracinha, que tinha também um lugar para se fazer jogging: era uma praça bem tranqüila, prédios por todo lado, claro, e não era bem um parque; sentei

num banco da praça, esta rodeada de árvores. Vinham pombinhos brancos e pretos e cinzentos ao meu lado, sem eu jogar comida para eles, sem eu jogar pão ou coisa que o valha.

Um pombinho, veja bem, dizia para outro pombinho: “Jaqueline está cansada”, e o outro replicava: “Está nada, ela apenas está no fundo de saco cheio de seu chefe”, e ficavam trocando informações sobre mim, ou melhor, conversando alegremente, *na minha frente*, sobre mim mesma.

Eu estava com meu sobretudo preto, que não era bem um sobretudo, porque era um pouco mais curto, e eu vestia um cachecol rosa, bem rosa.

Continuei de pernas cruzadas, como se nada demais estivesse acontecendo. Acendi um outro cigarro, e fiquei olhando para uma pomba cinza, que não participava da conversa.

Uma hora, a pomba cinza entrou na conversa, quando os outros dois pombinhos falavam sobre meus cabelos.

Interferiu, dizendo: “Ela não tingi o cabelo, a Jaqueline é ruiva por natureza, fora que ela não é tão velha assim, por isso que não tem cabelos brancos. E quanto ao stress que ela passa, isso não quer dizer que dá cabelos brancos, como muita gente diz, vocês entenderam bem o que estou dizendo?”. Concordando, os dois outros pombinhos fingiram beliscar alguma comida no chão, logo depois de eu olhá-los incrédula.

Fiquei fumando meu cigarro: eu iria ignorar simplesmente todo esse absurdo que estava se dando, e, obviamente, eu não iria ficar falando com eles - pois se algum humano normal me visse, acharia que eu era alguma louca que falava sozinha ou com animais. Insistentemente, continuei de pernas cruzadas, eu nos meus um metro e setenta de altura e cinquenta quilos, ruiva, mas o pombo, ele havia mentido, porque eu era morena de natureza, ele foi me defender o pobre coitado, todos me defendem, pobres coitados! Estou acostumada a isso, principalmente os homens que fazem isso, me defendem sem eu pedir, mas as mulheres também fazem isso, mulheres, crianças, velhas e velhos, todos me defendiam, e agora até os pombos que eu mal conhecia.

Eu fingia, para proteger minha sanidade mental, não escutar a conversa deles, dei uma última tragada no meu cigarro, fazendo um certo charme, claro, coisa de mulher que está acostumada a fazer isso, ou seja, a que homens falem de mim na minha frente e eu ignorar, e dar um trago no cigarro fazendo charme, nem olhando pra cara deles - ou dos pombos, no caso. Com um gesto natural, peguei meu celular do bolso do sobretudo preto que eu usava. Acessei a metereologia usando a rede, e esta dizia que o sol iria aparecer à tarde, mas que o tempo ainda continuaria frio. Olhei para cima, estava nublado até o momento em que eu acessei o celular, depois

que o acessei, vi as horas no próprio celular, eram duas da tarde, e o sol começava a aparecer timidamente. Mas o que raios me importa se o sol aparece ou deixa de aparecer?, eu pensava comigo mesma. E continuava nublado o céu, mas isso importava, porque eu adoro o azul do céu, adoro, simplesmente adoro. E estava nublado, infelizmente.

Me desliguei da conversa dos pombos e fechei o celular. Eu estava no escritório, e fechei o celular, na minha mesa de trabalho, na redação, e não estava na praça, nem estava escutando nenhuma conversa de pombos.

Eu estava com o celular na mão, e o que eu tive? Um delírio? Eu estava surtando? Não me importava, porque o trabalho estava tão cansativo, tão extremamente estressante que eu não liguei para onde eu estava antes, se eu estava na praça ou não, se eu tinha vindo da praça para a minha mesa de trabalho ou se sequer eu saíra da minha mesa, não me importava, porque eu estava *saturada*.

Olhei para os lados, olhei para o pequeno espelho que tinha na minha mesa, em forma de um círculo, vi meu rosto com meus cabelos ruivos e minha roupa, meu cachecol rosa, era a outra Jackie, porém, quem eu via no espelho, e era assim que eu sempre chamava eu mesma quando me via no espelho, a outra Jackie. Eu estava bem, bem mesmo, nada tinha me acontecido, me desliguei desse fato insignificante de saber se

acontecera meu passeio à praça ou não, porque o que importava?, eu estava bem - fisicamente, aparentemente, esteticamente, então nada mais importava.

Levantei da minha cadeira azul giratória, e fui pegar água gelada. Na redação, estranhamente todos estavam de pé, fui pegar água gelada no corredorzinho onde nunca havia ninguém.

Peguei o copo grande, pois havia sempre copos pequenos e copos grandes, peguei água gelada, enquanto o enchia, preendi meus cabelos com um lápis, atrás, na parte de cima, e por algum motivo que aparentemente não fazia sentido, fiquei de olhos bem abertos esperando que alguma coisa acontecesse, que alguém viesse ou aparecesse, mas nada.

Olhei para meu relógio, e eram duas e dez da tarde. Se eu tivesse mesmo ido à praça, deveriam ser duas e cinco, duas e oito, no máximo, mas daí eu raciocinei que era muita coincidência eu ter imaginado tudo isso, inclusive as horas tão perto, apenas com dez minutos de diferença.

Novamente, me desliguei disso tudo, tomei meu copo de água com uma expressão típica de mulheres que não entendem alguma coisa mas mesmo assim estão senhoras da situação, ou seja, bebendo rápido a água, mesmo trincando de gelada, e fazendo uma expressão com as duas sombrancelhas, de como se algo grave tivesse acontecido, mas que iria se resolver rapidamente, com a *minha* interferência. Era isso ou era gritar desesperadamente, abrir a janela e tentar se matar

enquanto todos na redação me seguravam, eu com certeza optei em tomar rápido a água gelada e fazer a expressão das sombrancelhas.

De modo que senti alguma coisa estranha acontecendo, no meu instinto feminino, e olhei para meu relógio novamente, dessa vez no celular. Eram duas e onze, no celular, mas era estranho, porque há muito pouco tempo eram apenas duas e cinco, e porque já deveria ter passado alguém no corredor, alguma das gêmeas que trabalha aqui no escritório, ou aquele senhor velho que eu nunca me lembro o nome, ah, é Gilmar, então, quando tenho esses pensamentos, me passa uma das gêmeas, querendo falar comigo, era a Kátia, sua irmã se chamava Karen. Olhei para o relógio de novo, antes de ela falar, eram duas e oito da tarde, olhei bem para o celular, como que incrédula, como eu fui ter uma ilusão de ótica as duas da tarde na redação, em pleno trabalho? E se eram duas e oito da tarde, será que eu havia ido à pracinha... ?

- Jaqueline.

Fechei o celular, onde eu via as horas, fez um som estálido e falei oi.

- Acabaram de me passar um negócio para você fazer, você tem que ir de carro, acho.

- O que é?

- Acabaram de saber que um sei lá o quê da ONU está aqui secretamente em São Paulo, e você tem que ir cobrir.

- E onde ele está?

- No Palácio dos Bandeirantes, com o governador, dizem que o presidente está lá também.

- Secretamente? Se é secretamente, como que você sabe?

- Todos mundo sabe, Jackie.

Jornalistas sempre sabiam de tudo, eu achava.

- E eu vou lá sozinha?

- Não, você pode ir com o Joaquim, se você quiser.

O Joaquim era um estagiário que ficava dando em cima de mim, em cima de todas as mulheres do escritório, eu disse:

- Prefiro ir sozinha, mesmo. E o que eu faço?

- O chefe mandou dizer que a única coisa que você tem que fazer é descobrir o que ele está fazendo aqui, em São Paulo.

- Ele é bam-bam-bam?

- O cara da ONU? Parece que sim. Claro, se você conseguir uma entrevista com ele, ou algo que do gênero...

E a Kátia riu, e eu ri também, gostosamente, amigavelmente, ela era tão boa pessoa, quase ou tão quanto sua irmã, gêmea. Era, era sim. Era boa pessoa, tanto quanto a Karen. Eu gostava delas duas, mas não gostava muito quando elas me incomodavam nesse corredor, que era o meu corredor

particular, onde eu o usava para descansar, cuidar dos meus assuntos, dar um tempo do trabalho, era o *meu espaço*.

- Vou pra lá, então. Fui – disse, antes peguei minha bolsa na minha mesa de trabalho, desliguei meu micro, e desci na garagem. Nesse ínterim, fiquei no elevador contando os números que vinham eletronicamente para eu saber que estava descendo, eu contava devagar, 17, 16, 15, quando deu no 6, o elevador parou, e entrou um homem.

O elevador não descia. O homem apertou o botão da garagem, para agilizar. Quando ele fez esse movimento, eu vi uma arma de fogo, um revólver dentro de sua calça, do homem. Ele estava de terno. Deveria ser um segurança, pensei. Nesse prédio tinha de tudo, muita gente importante circulava por aqui, era na Marginal o prédio, eu odiava armas e coisas do gênero. De repente, me veio uma cena na cabeça, e dessa vez fiz uma careta - quando os pombos falavam de mim eu agia naturalmente -, mas segurei para que não fizesse uma careta demasiadamente estranha, pois o homem poderia achar que eu era louca. Vi essa cena, do mesmo homem na minha frente entrando numa sala, o homem do elevador, uma mulher na sala, vestida com tailler preto e sapato alto também preto, sozinha na sala, e o homem do elevador atirando, deu três tiros, mas ninguém ouviu, depois apenas vi uma cena, ele tirando o silenciador da arma, e colocando no bolso esquerdo.

O elevador não descia. Eu olhei para o bolso esquerdo do homem do elevador, nada havia. Fiquei impaciente com isso tudo, e eu própria fui apertar o botão da garagem para que o elevador descesse mais rápido, e quando fiz esse movimento algumas vezes, pude ver um objeto roliço no bolso direito do homem. Seria o silenciador? Não gritei, apenas sorri amarelo para o homem, ele não entendeu nada e fez uma cara de que não sabia como reagir. Meu Deus? O que estava acontecendo comigo? E de onde me veio essa cena, meu Deus, pelo amor de Deus, se você me escuta, o que está acontecendo comigo? Deus, ou alguém, você, por favor, você, o que está acontecendo comigo?

O elevador enfim descia. Fui para um canto do elevador, e cruzei os braços. Fiquei pensando que era a minha imaginação, era tudo a minha fértil imaginação, que estava criando todos esses improperios, a ida à pracinha, os pombos conversando, a cena do homem assassino, arrumei meu cachecol cor-de-rosa, o elevador parou e, pelo sim, pelo não, saí rapidinho e fui até meu carro. Apenas sosseguei quando entrei no meu carro estilo jipe, e pude me acalmar colocando um chiclete na boca.

Eu pensava, olhando para o retrovisor, com o carro parado, que eu precisava parar de tingir meus cabelos talvez achando que essa era a origem de meus problemas – eu tingir os cabelos de ruiva. Fora tudo apenas coisa da minha cabeça.

Quando penso nisso, a Karen irmã da Kátia, idêntica a outra, me aparece no carro ao lado, pára o carro emparelhado ao meu, diz que está indo até a Faria Lima que está tendo uma manifestação qualquer e ela precisa ir até lá cobrir. Dou tchau para ela, ela é tão boa pessoa, quanto a sua irmã, a Kátia, rio sozinha. Mas que graça tem? Quando penso nisso, paro de rir, estou no meu jipe vermelho, que meu marido comprou para mim no dia do nosso casamento, o Túli, quando penso nele me dá uma saudade... Eu tenho uma foto dele no carro, está logo acima do rádio, de nós dois juntos numa viagem que fizemos ao Taiti certa vez. Já sei o que vou fazer. Vou ligar para o Túli e dizer tudo isso que está acontecendo, comigo, espero que ele tome boas providências. Ele é homem, ele vai saber o que fazer. Abro o celular e ligo. Ninguém atende, apenas a secretária eletrônica, ele dizendo o nome dele, apenas, guardo o celular, dou a partida no carro e vou indo até o Palácio dos Bandeirantes. Esqueci de uma coisa: como raios eu vou entrar lá no Palácio? E se eu entrar eu vou fazer o quê? Então tive uma idéia, liguei para meu amigo Klaus, que trabalhava com o governador, para que me colocasse dentro do Palácio, de lá eu veria o que eu poderia fazer.

- Klaus? Oi, tudo bem? Aqui quem fala é a Jaqueline.

- Oi, Jackie? Como andam as coisas?

- Tudo ótimo. Viu, vou direto ao ponto. Está sabendo de alguma reunião com um bam-bam-bam da ONU aí no Palácio?

- Não, Jackie, não estou sabendo não. É confidencial, por acaso?

- É, parece, mas a imprensa toda parece que está sabendo. Se eu for até aí, você me coloca pra dentro? Do Palácio?

- Claro Jackie, pode vir, eu falo que você é uma visita minha. Mas você não vai invadir a sala de ninguém, vai?

- Claro que não, Klaus. Eu só preciso saber o que esse cara veio fazer aqui em São Paulo.

- Entendi. Pode vir pra cá.

- Eu ligo do celular quando estiver chegando – eu disse, nos demos beijo e desligamos.

Saí pela Marginal, indo em direção a Ponte da Cidade Jardim, com o rádio desligado. Eu não queria pensar muito no que acontecera, mas devia ser coisa imprestável, que não vale a pena nem pensar. Como pombos falariam comigo?, eu pensava. Ou melhor, como eles falariam entre si, pois eu não estava falando com eles na pracinha. E, afinal de contas, eu fora a pracinha?

Na Marginal, um grande Outdoor dizia: “Hoje é o último dia para que você mantenha sua mente aberta”, eu li aquilo com consternação. Embaixo, estava escrito Sirous, pequeno. O que seria aquilo, será que era outro daqueles grupos

fanáticos de religião ou coisa parecida? Mas em plena Marginal Pinheiros? Mas o que era mais estranho é que ultimamente o rio Pinheiros parecia tão despoluído...

Nervosa, liguei o rádio. Coloquei na AM, no canal de notícias, para ver se já haviam vazado alguma informação do cara da ONU. Entrei na Ponte Cidade Jardim, para subir a Avenida Oscar Americano. No rádio, diziam sobre uma senadora que havia sido encontrada morta num escritório, em São Paulo. Apenas outro crime bárbaro numa cidade como esta. Subindo a Oscar Americano, liguei para o Klaus. O celular nunca funcionava naquela subida, de modo que esperei até chegar ao Palácio.

Parei o carro na guarita do Palácio, disse ao guarda “um minuto, por favor”, liguei para o Klaus e ele me liberou a entrada. No rádio, passava a notícia sobre a manifestação na Faria Lima, era uma passeata de lojistas indignados com a situação econômica e urbana da cidade, com a crise econômica, a violência, os juro, enfim, com tudo. Indignados apenas com tudo.

Estaciono o carro, desligo o rádio. Há policiais por toda a parte, logo é possível que alguém muito importante estivesse ali. Entro no Palácio e me encontro com Klaus, que estava me esperando na parte de baixo, falo com ele se não pode me ajudar, em obter alguma informação, ele diz que não está

sabendo de nada, e que soubesse certamente falaria. Klaus me diz que tem que voltar ao trabalho, mas que eu posso ficar ali, claro, sem arrumar nenhuma encrenca. Me sento numa cadeira no saguão principal, e fico sem saber o que fazer. Talvez eu devesse entrevistar alguém, começar fazendo perguntas a estranhos. Foi isso o que eu fiz, me levantei e fui até o primeiro policial, que estava na entrada, na porta. O sol entrava um pouco, mas nada de céu azul.

- Oi, tudo bem?

- Oi, tudo bem – disse o policial.

- Eu queria saber uma informação, por favor?

- Pois não?

- Eu queria saber se tem um cara da ONU aqui, um cara bem importante, me esqueci seu nome.

- Não sei, não senhora.

- E o presidente, ele está aqui?

- Isso eu não posso informar, senhora. A senhora é jornalista?

- Sim.

- Desculpe, mas não estou autorizado a falar nada.

- Tudo bem – eu disse, e voltei a minha cadeira. Dali, liguei para o Túli, pois não sabia mais o que fazer. Primeiro eu ligaria para o Túli, contaria meu dia, depois eu veria o que fazer. Deu secretária eletrônica novamente. Olhei para meu

anel de noivado, a aliança. Eu havia feito uma aliança com Túli, meu querido amado que eu queria apenas contar para ele o que havia acontecido, fazer uma comida a noite e beijá-lo. Mas nada. Ele devia estar no trabalho dele, ele é advogado, o Túli. Liguei para a redação, pedi para falar com o chefe, seu G.

- Dona Jaqueline – seu G. atendeu assim – Cadê as coisas que eu pedi para que você fizesse?

- Estou aqui já no Palácio, seu G., mas ninguém consegue me informar nada – eu disse olhando feia para o policial que eu havia perguntado, este me olhando curioso – Não sei mais o que fazer. Até tenho uma pessoa que eu conheço que trabalha aqui que...

- Não me importa, Dona Jaqueline, não me importa como você vai conseguir isso, não, você veja bem. Não me importa se em off, com um amigo seu, só quero simplesmente que você me diga até as seis da tarde quem, o que, onde e porque do paradeiro desse cara da ONU, entendeu, dona Jaqueline?

- Entendi, seu G..

- Se você quiser, eu posso mandar o Joaquim ir até aí te ajudar, você quer? – perguntou o chefe.

- Prefiro que não, seu G., quer dizer, acho que a qualquer hora consigo a informação. Mas se o senhor acha que realmente preciso...

- Dona Jaqueline, não sou eu quem acho ou devo deixar de achar, é você. Quer ou não?

- Não.

- Tá, então é isso – e seu G. desligou o telefone, após dizer tchau.

Me levantei da cadeira e comecei a perguntar para a primeira pessoa que eu via se não sabia das informações que eu precisava. Ninguém sabia informar nada.

Depois de algumas investidas, o Klaus aparece, dizendo que se há alguém da ONU aqui em São Paulo, esse cara não está no Palácio. Então disse “muito obrigada” ao Klaus, disse a ele que desse um beijo em Hugo, seu namorado, e fui indo em direção a redação novamente. Dessa vez coloquei na FM, numa estação de músicas mesmo, não queria nenhuma notícia quer me deixasse noitada.

Na ponte da Cidade Jardim, entrando na Marginal, o trânsito estava parado. A passeata estava fora de controle, e tive até que desligar o carro, pois eu estava com muito pouca gasolina, e o trânsito estava não caótico, mas *parado*.

Uma mulher tocou no vidro do meu carro, era a Kátia, ou melhor, a Karen, novamente. Eu sempre confundia as duas, e ela estava muito parecendo a Kátia, mas como a Karen disse que estaria na manifestação...

- Você também veio cobrir aqui? – perguntou Karen quando abaixei o vidro da minha janela.

- Não, estou presa aqui. Tenho que saber sobre algum cara da ONU que está na cidade.

- Eu estou cobrindo essa manifestação idiota, que só serve pra parar a cidade. Deixei meu carro lá no Itaim, fui andando até a Faria Lima, de lá vim até aqui, acho que eles querem ir até o Palácio – disse a Karen. Por isso que havia tantos policiais ali?, eu perguntei a mim mesma.

- O que eles querem? Reinvidicam?

- Tudo. E é uma passeata meio surpresa, combinaram de fazer tudo isso hoje, as pressas, ninguém foi avisado, mas cada um que fica sabendo se junta ao povo. Eles querem emprego, segurança, saúde, menos mendigos nas ruas etc etc.

- Querem apenas tudo, não é? – eu disse.

Se eu fosse um pouco menos egoísta, eu abandonaria o meu dia de trabalho para se juntar a eles, era o que eu deveria fazer. Mas não era muita coincidência eu encontrar a Karen de novo, aqui no trânsito, com o carro parado? Coincidência demais, eu pensava. De qualquer jeito, como eu já estava no trânsito, era como se eu estivesse participando de algum modo da passeata, então minha consciência ficou mais limpa, tranqüila.

- E se bobear eu vou ter que ir andando até o Palácio, você acredita nisso, Jackie? – me perguntou a Karen – Pelo menos

não está calor, ou melhor, está um frio dos diabos – complementou.

- Ainda bem - eu disse. Um cara atrás do meu carro começou a buzinar para mim.

Eu tinha que ir indo, havia um espaço na minha frente, conversando com a Karen eu havia me distraído do trânsito que andara um pouco. Liguei o carro, e andei um pouco mais. Pelo acostamento da ponte, dava para se chegar a Marginal, do ponto onde eu estava. Eu disse para a Karen que, caso soubesse de algo do cara da ONU, que me ligasse, ou que me deixasse saber de algum modo, ela disse que sim e peguei o acostamento. O termômetro, antes de entrar na Marginal, marcava 8 graus Celsius, o que era bem baixo.

Fui indo em direção a redação, mas resolvi parar em algum lugar para comer qualquer coisa, fui numa lanchonete que tinha mais ou menos perto da Ponte.

Estacionei o carro na rua, mesmo, deixei uma zona azul no carro, e fui andando, eram dois quarteirões até chegar na lanchonete. Fui passando algumas lojas e prédios e árvores e pessoas andando nas ruas e carros passando a toda quando me deparo com um cara sentado no chão, fazendo posição de meditação, mas uma posição totalmente clássica, com as duas mãos fazendo um OK, e sentado em posição de índio. No meio da calçada. Eu virei o rosto, não queria que ele falasse comigo, mas ele falou justamente quando eu passei do seu lado. Ele tinha o peito descoberto, sem nada, e uma calça branca, bem despojada, e estava descalço, com uma barba longa, castanha, e ele era careca na frente, tinha um bigode, e um rabo de cavalo atrás dos cabelos. Ele disse: “Você”.

E repetiu a frase, ou a palavra: “Você”, eu ia começar a andar mais rápido quando ele me chamou a atenção pois tirara as mãos da posição de OK, e me apontou com o dedo da mão direita. Eu fiz com o meu dedo da mão direita, também, um sinal “eu?”, e logo disse “ Não tenho, obrigada”, para sair o mais rápido possível, quando ele diz: “O homem que você

procura está mais perto de você do que você imagina”, e voltou a sua posição de meditação clássica, dessa vez com os olhos fechados. Voltou a fazer o seu OK com os dedos das duas mãos.

Eu fiquei pasma. Eu fiquei encarando ele ali, ele naquela posição, eu queria chutá-lo, contar tudo o que estava acontecendo, perguntar para ele porque além de tudo o que se passava comigo ele estava fazendo aquilo comigo, me dizendo essas coisas, que não tinha significado nenhum, ele estava dizendo sobre o cara da ONU?, sobre o Túli? Eu não sabia. Fiquei encarando ele quase um minuto inteiro, e fui embora, antes fiz um “esquece!”, com a mão, para ele. Entrei na lanchonete abrindo a porta emburrada, rispidamente. Lá, pedi um chesse salada e um suco de laranja, sentei no balcão, mesmo. O Túli me ligava:

- Alô, Jaqueline?

- Oi, Túli... – enfim alguém para me ajudar a sair dessa situação.

- Preciso falar rápido. Tudo bem com você?

- Tudo, quer dizer, acho que sim, não sei direit...

- Bom, é o seguinte, Jaque's.

Eu ri quando ele me chamou assim. Eu sempre rio quando ele me chama assim. Ele continuou:

- Vou ter que ir para Londres daqui a exatamente, deixa eu ver no relógio... quatro horas... vou pegar o voo da meia-noite. É uma situação delicada, e pediram para que eu resolvesse. Estamos tendo um problema com um cliente nosso, e precisamos resolver isso o mais rápido possível. Você pode me encontrar em casa daqui a pouquinho?

- Túli, como assim você tem que ir viajar? Eu tenho um monte de coisa pra te contar...

- Não pode ser pelo telefone, Jaqueline? – perguntou Túli.

- Poder, pode. Mas quando você volta?

- Não tem previsão, ainda, mas acho que não deve passar de dois, três dias.

- Vou fazer o máximo para estar aí em casa para te ver antes e te contar o que...

E a linha do celular caiu. A linha sempre caía nessa cidade, a toda hora, em qualquer lugar.

Tentei ligar de novo, enquanto chegava meu suco de laranja, não conseguia. Bom, eu pensei, tenho que descobrir sobre o cara da ONU. Quando chegou o meu chesse salada. E o telefone toca de novo. Deve ser o Túli:

- Alô, Jaqueline?

Era uma mulher.

- Sim?

- É a Karen, tudo bem?

- Oi Karen.

Não era o Túli.

- Acho que talvez eu possa te ajudar quanto ao cara da ONU, eu andei fazendo umas perguntas para um dos organizadores da manifestação, ele disse que está tendo uma boataria de que o secretário-geral da ONU está num restaurante caro nos Jardins, com alguém do governo.

Eu nunca entendia direito como jornalistas conseguiam esse tipo de informação. Nem perguntei. Agradei a Kátia, ou melhor, a Karen, e desliguei. Eu precisava encontrar urgentemente esse cara da ONU, porque assim eu estaria livre para voltar para casa e encontrar o Túli e sair desse estresse em que eu estava. Numa situação como essa, eu precisava de ajuda, mesmo que fosse do Joaquim.

Liguei na redação para falar com ele. Não dava linha. Liguei para o Túli de novo, e não dava linha. Deu vontade de quebrar o celular na mesa, mas não fiz isso, continuei tentando e nada. Chegava meu chesse salada. Olhei para o relógio na lanchonete, eram quatro horas.

Eu poderia ir de restaurante em restaurante descobrir se o cara da ONU estava em algum deles, mas achava que o Joaquim poderia fazer isso. Ele era chato demais, afinal, e assim ele poderia ficar *bem* ocupado. Pedi que embrulhassem meu sanduíche para viagem.

Fui até o meu carro, e voltei à redação, que era ali perto. No elevador do prédio, voltei a contar números, 3, 4, 5, o elevador parou no 6. Entrou novamente o mesmo homem armado no elevador, mas dessa vez não vi nenhuma arma. Ignorei. Continuei contando números do elevador até chegar no dezoito. De repente, me veio a cabeça que o homem talvez fosse outro, mas ele era igualzinho. De qualquer forma, esse cara tinha cabelos pretos, e o outro, quando eu desci o elevador, tinha o cabelo castanho. Mas eram iguaizinhos. Será que eram gêmeos que nem a Kátia e a Karen?, eu pensei bem-humorada. Não me importava, eu precisava achar logo o cara da ONU para poder voltar ao meu marido.

Encontrei o Joaquim e disse para ele, sem deixar ele falar muito, que fosse aos quatro restaurantes mais caros da cidade para ver se encontrava alguém da ONU ali.

Eu não sabia se seu G. aprovaria essa decisão, mas mesmo assim eu mandei que ele fosse imediatamente, que era urgente. Antes de ir, ele ainda disse que meu cachecol combinava com meus cabelos, que eram bonitos, ele disse assim. Eu disse obrigada e que fosse logo. Ele replicou dizendo não saber quais eram os quatro restaurantes mais caros de São Paulo, eu fui até a minha mesa e peguei um papel e uma caneta, anotei quatro restaurantes para que ele fosse, e logo que fiz isso, pensei que eu poderia dividir esse trabalho, e risquei dois

restaurantes, dei a lista para o Joaquim, disse “apenas dois restaurantes você tem que ir” e fui eu mesma também procurá-lo.

Desci o elevador, contando números. O elevador parou no 6. Ninguém entrou, fiquei apertando o botão, rindo sozinha. Eu estava sozinha no elevador, e o engraçado era que agora me sentia com mais medo sozinha do que com o homem armado. Cruzei os braços e fiquei contando números, talvez achando que assim ele aparecesse, o homem armado, novamente. Ninguém aparecia, e o elevador não mais parou.

Fui até os restaurantes, e fiz mentalmente um caminho onde eu não passaria pela manifestação. Não havia ninguém nos dois restaurantes que eu fora, estavam ambos fechados. Resolvi voltar direto para casa, encontrar o Túli. Eu sabia que eu poderia perder o emprego por causa disso, mas eu tinha *minhas* necessidades.

Paro meu carro numa rua para antes comer meu sanduíche, me chesse salada, paro numa rua onde há muitos carros com insulfilme, eu reparava nisso, carros blindados, também, mas carros blindados era mais raro nessa cidade, mas tinham muitos carros blindados, eu estava mais ou menos nos Jardins. Parei o carro e comi meu sanduíche.

De repente, comendo meu sanduíche, vi a Gabriela, que era uma ex-colega minha, e que eu sabia estar trabalhando agora

para um jornal. Ela atravessava a rua e entrava numa cantina italiana. E tinham muitos carros blindados na rua. Comecei a associar as coisas, e daí eu pensei: “será?”. Não, seria muita coincidência o cara da ONU estar ali nessa cantina italiana, uma cantina barata. Eu comi meu sanduíche, e eu não ia entrar na cantina para xeretar o que quer que fosse. Mas acabei fazendo isso, afinal, meu carro estava parado, mesmo! E era o meu emprego!

Entrei na cantina, fui até onde estava a Gabriela. Eu pensava: “será que existe algo como instinto de jornalista, mesmo?”, a Gabriela sentava numa mesa, sozinha, logo me reconheceu.

- Oi! – eu disse – Vi você atravessando a rua e vim dizer um oi! – menti com um largo sorriso no rosto.

- Jackie! Que legal te ver aqui! – disse Gabriela.

- Posso sentar aqui, um pouco? – perguntei.

- Claro!

Sentei, perguntei do trabalho dela, e delicadamente também sobre alguma informação de alguém da ONU, e ela disse que havia uns políticos na cantina. Eu fiquei muito, muito feliz com essa notícia. A Gabriela disse que um ministro estava ali, resolvendo algum assunto internacional sobre um grupo criminoso internacional que estava no Brasil, especificamente em São Paulo. E que talvez tivesse alguém da

ONU, ali, mas que ela “não tinha certeza se era isso mesmo”. Eu tinha, nem falei nada, mas eu tinha certeza disso, disse para a Gabriela que eu precisava ir indo, mesmo, que foi bom revê-la, e nem fiquei na cantina para conferir, pois eu tinha *certeza* daquilo. Liguei do meu celular para a redação, não dava linha. Fui até um orelhão e liguei a cobrar, falei com seu G.:

- Seu G. – eu disse – é o seguinte. O cara da ONU está aqui na Cantina do Arthur, uma cantina meio desconhecida, italiana, e está com um ministro do governo, provavelmente da Defesa ou algo parecido, pois estão conversando sobre um grupo criminoso internacional que está aqui na cidade.

- Entendi. Mais alguma coisa?

- Só pude saber isso até agora, seu G. Mas acho que não vou mais conseguir nenhuma informação. Posso ir pra casa, agora, que eu quero ver meu marido?

- Pode, dona Jaqueline, pode. Tá bom isso de informação, para quem não sabia de nada, aliás, você deve ter feito milagre, pois ninguém sabe sobre o assunto.

Eu pensei, a Gabriela sabe.

-Obrigado, seu G.

- Até mais, Dona Jaqueline.

Entreí no meu carro e voltei para casa.

Não pude evitar o trânsito que a manifestação causava, de modo que estacionei o carro na garagem do meu prédio apenas às seis e meia da tarde. O vôo de Túli era meia-noite, ele provavelmente já tinha ido, eu pensava, mas ainda havia uma chance de ele estar em casa.

Subi o elevador contando números, me achando engraçada, pois assim poderia aparecer o homem armado. Quando o elevador parou no 6, eu gelei. Não havia ninguém. Mas o elevador parou. Eu não entendia porque o elevador sempre parava agora no seis, fiquei contando números até chegar no vinte, 15, 16, 17, quando contei dezessete veio a cena na minha cabeça, muito claro, a mulher sozinha na sala, de tailleur preto e sapatos pretos, o homem do elevador dando tiros nela com um silenciador, ele coloca o silenciador no bolso direito da calça, mas dessa vez eu vejo exatamente a cara da mulher. Ela é uma famosa senadora. Não, não é possível. Se isso tivesse acontecido, no prédio da redação, alguém já teria me avisado, o seu G., quando falei com ele por telefone, alguém teria avisado.

Entrei no meu apartamento, coloquei a bolsa no sofá da sala, e fui até a cozinha.

Fui pegar um copo de água na geladeira, e quando fiz isso, vi um bilhete de Túli, escrito que já tinha ido ao aeroporto e que ligasse para ele pois meu celular não estava pegando. Liguei imediatamente.

- Oi, Túli.

- Oi, Jaque's. Estou no aeroporto, já, o vôo sai daqui a umas seis horas, mais ou menos.

- É, eu sei. Sabe, ando um pouco estranha, quer dizer, coisas estranhas vem acontecendo comigo, principalmente hoje. Uns pombos falaram comigo, hoje.

- Uns o quê?! – perguntou Túli surpreso.

- Uns pombos. Quer dizer, eles não falaram comigo, eles falavam de mim, e eu ignorei eles. Daí, quando fechei meu celular, eu estava na minha mesa de trabalho, você imagina só?

- Claro, Jaqueline, você estava na mesa de trabalho. Você imaginou tudo, apenas isso. Você deve descansar mais. Faz isso por mim, amor, que eu sei que você anda muito estressada, com esse trabalho que você tem, pede a seu chefe uns dias de folga, faz isso por mim, está bem?

- Tá bem. É, devo ter imaginado mesmo, apenas isso. Mas tem o negócio do elevador, que só para no sexto andar, eu não entendo isso, Túli, não entendo.

- Que foi, Jaqueline? Não estou te entendendo. Alô?
- O negócio do elevador, o cara armado entrando no elevador.
- Onde isso, Jaqueline?
- No prédio da redação – disse manhosa.
- E o que aconteceu?
- Eu estava contando números do elevador – disse no mesmo tom – e entrou um homem armado no elevador.
- Ah, Jaque's, devia ser um segurança qualquer. Era só isso?
- Não. Depois veio a cena.
- Que cena?
- A cena dele matando a mulher, a senadora. Tive isso de novo aqui no elevador do prédio, do nosso prédio.
- Você teve isso nos dois prédios, não entendi, Jaqueline.
- É, nos dois prédios.
- Eu também vi a notícia da senadora que foi assassinada, passou na tevê, você não foi a única que viu a cena, Jaqueline.
- Mas eu vi isso não na tevê, vi isso na minha cabeça, entendeu, Túli?
- Entendi. Você virou vidente, é isso? – e o Túli riu sozinho.
- Engraçadinho. Não tem nada a ver. Eu acho que vi isso acontecendo, só me diz uma coisa, essa senadora estava de tailler preto e sapatos pretos? – perguntei.

-Não sei. Não mostraram o cadáver, nem a cena do crime, só sei que não foi nem no nosso prédio, nem no da sua redação, Jaque's.

Fiz um “ufa” sincero.

- Que bom, me sinto bem mais aliviada – expressei.

- Você disse que viu essa cena nos dois prédios? Talvez você viu em um prédio apenas, no nosso, quando voltou para casa, depois de saber da notícia. Quando você voltou para casa e subiu no elevador você já tinha sabido da notícia da senadora?

-Já.

- Então, foi isso, não foi, Jaqueline?

- É, deve ter sido. Mas acho que tive a cena nos dois elevadores, não só no do nosso prédio.

- Deve ter sido só no nosso prédio. De qualquer jeito, sinto que você deve *mesmo* tirar umas férias, faz isso por mim, tá bom?

- Tá bom.

- Bom, Jaqueline, tenho que ir indo, depois nós nos falamos, prometo que te ligo o quanto antes, tá?

O Túli tinha que ir, então desligamos o telefone e fui para minha cama descansar. Fiquei deitada uns cinco minutos, de roupa, mesmo, então resolvi ir ao banheiro.

Tranquei a porta do banheiro, de nosso quarto, meu e do Túli. Lavei meu rosto na pia, nos intervalos em que eu pegava água para jogar no rosto, eu me olhava no espelho. A outra Jackie. Na segunda vez que fiz isso, que me olhe no espelho, a imagem no espelho não batia com o que eu estava fazendo. Era uma Jacqueline que estava arrumando os cabelos, enquanto eu estava com as mãos na pia. Ignorei o fato, e continuei lavando meus cabelos. A outra Jackie arrumava os cabelos com uma escova, agora. Escovava os cabelos.

- O que você quer? – eu perguntei.

A outra Jackie, eu gostava de chamá-la assim, perguntou:

- O que você quer?

- Espelho, espelho meu...

- Isso não é uma brincadeira, Jacqueline – disse a outra Jackie.

- O que você quer dizer com isso? – perguntei.

Longos intervalos de tempo se passavam entre nossos diálogos. O tempo demorava a passar em situações como esta, imaginava. Sentei no chão, e eu continuava vendo a outra Jackie no espelho. Ela não condizia com o que eu fazia.

- Quero te explicar – começou.

Então a outra Jackie disse que eu não estava ficando louca e que eu não precisava ficar me acostumando com esse tipo de situação, pois isso logo acabaria. Eu tinha um pouco de medo, dela.

Eu esfregava minhas mãos no rosto, a porta do banheiro trancada me situava um pouco. Estou no banheiro de nosso quarto, sozinha, eu estou vendo coisas, eu pensava comigo mesma.

Tirei meu cachecol cor-de-rosa, coloquei sobre a pia ainda sentada no chão.

Ficamos conversando horas, eu e a outra Jackie. Eu e a outra Jackie não conseguíamos nos cumprimentar fisicamente, ela não estava lá, mas eu estava a vendo, como que aprisionada dentro do espelho. Fiquei com um pouco de pena dela, por ela ser muito como eu, parecida como eu, bonita como eu, sofrida como eu, e estava aprisionada no espelho, e eu não. A outra Jackie disse que eu não precisava me preocupar com essas coisas, que eu tinha mais coisas, coisas mais importantes, a me preocupar.

Chorei como se minha melhor amiga estivesse a meu lado, mas a outra Jackie sequer era minha amiga. Eu não a conhecia. Pensei em Túli.

- Você não pode fazer tudo sozinha – me dizia a outra Jackie.

Resolvi sair dali, sair daquele estado. Ela não me dava explicações do jeito que eu queria, a outra Jackie. Me levantei em determinado momento. Lavei meu rosto, como fiz da primeira vez, dessa vez sem olhar no espelho. Eu lavaria meu rosto e sairia do banheiro ignorando, sendo superior, fazendo charme, a quem?, a mim mesma?, não sabia, mas sairia fazendo charme. Ela disse:

- Talvez tudo o que você consiga fazer seja...

Não agüentei. Coloquei minhas duas mãos molhadas nas orelhas, e saí do banheiro, apenas tirei a mão esquerda para destrancar e abrir a porta, depois tirei uma de minhas mãos novamente para pegar alguns calmantes que havia no meu armário, e depois disso dormi, de roupa e tudo, sem meu cachecol.

No dia seguinte acordei sem minhas roupas, eu estava debaixo das cobertas. Nem estranhei o fato.

Fui para a cozinha tomar meu café da manhã normalmente. Na secretária eletrônica, um recado da secretária de seu G., pedindo para que ligasse a ele urgentemente. Não liguei ainda, apenas fiz minhas torradas e meu café com leite, tomei, me arrumei, fui ao banheiro fazer algumas coisas, e quando me vi no espelho, eu achava que sabia o que iria fazer. Olhei no espelho e disse a mim mesma: “a outra Jackie não existe, nunca existiu. A outra Jackie...”, e ri sozinha. De qualquer maneira, eu gostava desse “a outra Jackie”.

Fui de carro pela Marginal até o escritório onde ficava a redação. No meu carro, ficava pensando a respeito de como eu gostava dessa cidade, mas como eu gostava ainda mais da minha vida. Pensava em como ela era plena de coisas, a vida, e que eu não poderia desperdiçá-la. Na Marginal, um grande outdoor, dizendo: “ Hoje é o último dia para que você mantenha sua mente aberta”, e embaixo escrito o nome da empresa, Sirous. Continuei guiando meu carro, sozinha, com o rádio desligado.

Pensando devagar, tendo consciência do meu corpo, as vezes eu colocava minha mão do lado da minha boca, com a outra mão no volante.

Eu estava cansada desse trabalho de jornalista, que nunca tinha nada demais acontecendo, nenhuma coisa mais surpreendente, fascinante, sempre a mesma rotina. Subi o elevador do prédio da redação contando números.

Fiquei a manhã inteira na minha mesa de trabalho, às vezes no telefone, em geral no meu micro. Tinha durante toda a parte da manhã falado apenas com seu G., que tinha me despachado uma tarefa: refazer uma reportagem que eu havia feito tudo errado. Para hoje, ele disse. Ah, e também falei com Túlio, que é o homem de quem eu gosto e trabalha na redação, mas nunca nem olha para mim direito, não dá bola, apesar de não ser casado e, até onde eu sei, nem namorada tem.

Nada acontece na redação, na vida de jornalista, eu que buscava muitas aventuras nessa profissão, nada.

No horário do almoço, fiz como eu sempre faço, compro um sanduíche natural, para não engordar, e sento na pracinha ao lado do prédio da redação. O resto ou o que cai do sanduíche, as pombas sempre vêm pegá-las. Sempre, é uma das coisas que eu mais gosto, eu acho fascinante isso acontecer, elas sempre seguirem a mesma rotina. Tudo pode

estar diferente, mas as pombas sempre me vêm quando estou com as migalhas, isso que são seres vivos, olha só que coisa!

Quando o intervalo do almoço acaba, volto para minha mesa de trabalho. Estou com quase quarenta anos, eu penso.

Muitos desejos aflorando, eu penso. Eu jovem, meu trabalho gratificante, aventuras, loucuras, o Túli. Eu continuava, a despeito de tudo, chamando ele de Túli, claro, na minha cabeça apenas, porque na redação era Túlio.

Eu tinha vergonha, sempre fui muito tímida, criei coragem, e resolvi falar com o Túli, eu falaria qualquer coisa com o Túli, e afinal eu também não era nenhuma criança...

- Túlio, estou pensando em fazer parte do programa da Sirous.

Túlio disse que ele também quase estava querendo, já que a situação econômica de todos estava péssima, mas talvez não tanto para entrar num programa de Sirous, que todos abominavam e viam como ridículo.

Ocorre que eu queria ir para Marte. Eu estava muito cansada dessa vida, dessa rotina, dessa falta de coragem minha, e eu queria participar do programa, mas não participava por timidez, e porque todos os outros achavam estranho, esquisito. Mas eu queria, era de graça! Apenas quinze pessoas participaram já do programa da Sirous, todos voluntários.

Na parte da tarde, depois do almoço, mais nada para se fazer, como todos os outros dias. Então, pedi a seu G. que saísse mais cedo, ele concedeu numa boa.

Antes de ir a Sirous me candidatar ao programa que levava pessoas a Marte e que ninguém queria ir, passei em casa. Estava calor, mesmo assim coloquei meu casaco preto tipo sobretudo, meu cachecol rosa, e me olhei no espelho do banheiro, do meu banheiro. Eu gostaria que fosse o nosso banheiro, meu e do Túli, mas era apenas meu. Meu e da outra Jackie. Que não existia. A outra Jackie me dizia nada, porque eu não costumava falar sozinha no espelho. “A outra Jackie” eu pensei, rindo. Também porque ninguém me chamava de Jackie, mas eu gostava desse apelido.

Eu disse mentalmente para “a outra Jackie”, de casaco preto e cachecol cor-de-rosa, que eu voltava, mas eu nem estava olhando para a Jackie, a outra Jackie, eu estava olhando para o Túli no espelho. Mas eu na verdade não sabia se voltaria ou não, talvez eu realmente ficaria por lá mesmo, porque por aqui não dava mais, eu estava *saturada*.